



## Edição Especial

III Congresso Internacional de Ensino - CONIEN  
Universidade do Minho - Braga, Portugal, 2024

# O ESTUDO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA A PARTIR DA PRODUÇÃO DE VÍDEOS CURTOS

THE STUDY OF FINANCIAL EDUCATION FROM THE PRODUCTION OF SHORT  
VIDEOS

Paola do Prado<sup>1</sup>

Luiz Henrique Ferraz Pereira<sup>2</sup>

## Resumo

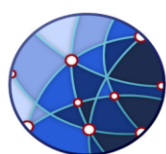
Vários são os problemas da população brasileira frente às suas finanças pessoais, situação que se agravou após a pandemia de COVID-19, a qual mudou o contexto econômico do Brasil e evidenciou ainda mais o descontrole financeiro da população. Nesse sentido, essa é uma temática que precisa estar em destaque no país, inclusive no contexto escolar, ainda mais após a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que trata esse como um dos seus temas transversais. Em conformidade com esses apontamentos, este artigo busca apresentar a proposta de um produto educacional em construção, o qual objetiva trabalhar a Educação Financeira com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do estado do Rio Grande do Sul, aliada a produção de vídeos curtos por parte dos alunos. Essa proposta está sendo desenvolvida tendo a Engenharia Didática como metodologia de pesquisa. Além disso, os temas presentes nesses materiais audiovisuais serão provenientes das demandas observadas pelos estudantes em seu cotidiano familiar e os mesmos serão abordados, em sala de aula, através de ferramentas que são de interesse e domínio dos alunos, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e interessante.

**Palavras chave:** Educação Financeira; Vídeos; Ensino Médio.

<sup>1</sup> Professora de Matemática da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul e mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo/RS.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela PUC/RS e professor do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo/RS.

*REPPE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino  
Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio (PR), v. 8, n. 2, p. 1249-1262, 2024  
ISSN: 2526-9542*



**III CONIEN**  
Congresso Internacional de Ensino  
PESQUISAS NA ÁREA DE ENSINO:  
IMPACTOS, COOPERAÇÕES E VISIBILIDADE



**Abstract**

There are several problems facing the Brazilian population regarding their personal finances, a situation that worsened after the COVID-19 pandemic, which changed Brazil's economic context and further highlighted the population's lack of financial control. In this sense, this is an issue that needs to be highlighted in the country, including in the school context, even more so after the implementation of the National Common Curricular Base (BNCC), which treats this as one of its transversal themes. In accordance with these notes, this article seeks to present the proposal for an educational product under construction, which aims to work on Financial Education with students in the third year of high school at a public school in the state of Rio Grande do Sul, combined with the production of short videos by students. This proposal is being developed using Didactic Engineering as a research methodology. Furthermore, the themes present in these audiovisual materials will come from the demands observed by students in their daily family life and they will be addressed in the classroom through tools that are of interest and mastery of the students, making the learning process more dynamic and interesting.

**Keywords:** Financial education; Videos; High school.

**Introdução**

Em uma sociedade onde o consumismo ganha destaque como uma das características da população e que se agrava com o fácil acesso às redes sociais – as quais, por meio de seus avançados algoritmos, mostram exatamente o que se encaixa no perfil de consumo de cada pessoa, bem como promovem a exibição constante de propagandas exuberantes, instigando ainda mais as pessoas a realizarem compras sem a real necessidade – no presente contexto, possuir conhecimento sobre Educação Financeira está tornando-se indispensável.

Nesse sentido, com o avanço da internet e o desenvolvimento de novas ferramentas e plataformas, o comércio eletrônico desenvolveu-se de modo acelerado, trazendo praticidade aos consumidores e facilitando o processo de compra dos mais diversos produtos. Entretanto, para as pessoas que não possuem uma vida financeira organizada, assim como controle sobre seu orçamento, essa ferramenta se torna mais uma armadilha para o endividamento, por possibilitar ao consumidor realizar compras no conforto de sua casa, por meio de seu celular ou computador a qualquer momento do dia.

Entretanto, a realidade da população brasileira frente ao endividamento possui números elevados há anos, como apontam os dados apresentados pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), realizada no ano de 2023,

que mostrou um agravamento no número de famílias endividadas no país a partir de 2020, apresentando uma leve melhora no último ano, porém, ainda pouco significativa (CNC, 2024).

Ao analisar essas informações, destacamos, não coincidentemente, que o ano de 2020 marcou o agravamento da pandemia de covid-19, momento em que o isolamento social foi necessário e que grande parte das atividades cotidianas precisaram migrar para o meio on-line, inclusive as compras mais simples, como supermercado e farmácia. Nesse sentido, conforme relatado anteriormente, as pessoas precisam de um controle financeiro maior para com suas compras, evitando dívidas desnecessárias. Porém, em muitos casos, por falta de informação sobre Educação Financeira, a realidade foi contrária ao esperado, um dos fatos geradores do aumento do grande número de endividados.

Considerando os apontamentos apresentados até então, percebemos que o investimento em Educação Financeira no Brasil necessita ser ampliado urgentemente, uma vez que como apontam Teixeira e Kistemann (2017), a finalidade da Educação Financeira é a educação e a reeducação frente as finanças, assim como, uma mudança de hábitos, a qual não é um processo fácil e precisa ser iniciada com pequenas alterações de costumes cotidianos.

Frente a essa necessidade, encontramos nas escolas um ambiente propício para o desenvolvimento dos conceitos voltados à Educação Financeira, ainda mais com o amparo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que ela apresenta essa temática como um dos temas transversais da educação básica brasileira, isto é, ela deve ser desenvolvida dentro das disciplinas que compõem o currículo das escolas do país em todos os anos de ensino.

Nessa perspectiva, está em construção um produto educacional, proveniente do mestrado desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo/RS (UPF), o qual busca trabalhar com a Educação Financeira voltada aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual situada no município de Marau/RS. Tal produto procura ligar o estudo desse conteúdo com a tecnologia, a fim de chamar a atenção dos jovens para a importância do estudo da Educação Financeira por meio de ferramentas com as quais eles já estão familiarizados e com assuntos que lhes sejam pertinentes.

Sendo assim, com essa proposta, objetiva-se analisar as implicações educacionais da produção de vídeos curtos com os alunos do Ensino Médio para o

estudo de conceitos de Educação Financeira que estejam presentes na realidade desses estudantes, visando a conscientização deles frente à administração de suas finanças.

### **Aporte teórico**

Tomando como ponto de partida os apontamentos discutidos até então, percebemos que a Educação Financeira se trata de uma demanda eminente da população brasileira, sendo essa abordada como tema central de iniciativas lançadas pelos órgãos governamentais. Destacamos, nesse sentido, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que foi criada em 2010 pelo Decreto Federal nº 7.397 (Brasil, 2010, p. 1) e renovada pelo Decreto Federal nº 10.393, de 9 de junho de 2020, a qual, segundo o texto original, tem por finalidade “promover a educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no País” (Brasil, 2020, p. 1).

Junto a essa iniciativa, tem-se a criação do Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF), o qual é responsável por promover a interlocução entre os órgãos públicos e as instituições privadas para a realização das ações referentes à Educação Financeira pelo país, as quais devem ser voltadas para a informação, orientação e formação da população brasileira frente à referida temática, além de, obrigatoriamente, serem disponibilizadas de forma gratuita à população.

Além disso, com a implementação da BNCC (Brasil, 2018), a Educação Financeira apresenta-se como um dos temas transversais, os quais tratam de assuntos que devem gerar debates e estudos em todos os componentes curriculares da educação básica brasileira. Desse modo, como afirmam Kistemann, Coutinho e Figueiredo (2020, p. 3):

Se antes as discussões sobre temas financeiros ficavam reservadas às aulas de Matemática com ênfase na Matemática Financeira, com a BNCC a proposta é que ocorra o desenvolvimento discente de Literacia Financeira, a partir da problematização de temas ligados ao planejamento financeiro, consumo/consumismo, sustentabilidade, ética e aposentadoria.

Sendo assim, a projeção para o cenário da educação é o desenvolvimento de um trabalho mais amplo sobre Educação Financeira, em que as discussões sobre a temática possam surgir de diferentes vertentes, possibilitando aos jovens visões e

reflexões que lhes permitam aplicar os conceitos abordados durante as aulas para o seu contexto social e familiar, desencadeando, assim, uma possível mudança de realidade.

Com essa proposta apresentada pela BNCC e implementada nas escolas, assim como as ideias de Kistemann, Coutinho e Figueiredo (2020), é possível compreender que educar financeiramente torna-se a ação de, por meio das habilidades e competências, promover o estudante a um sujeito capaz de realizar a leitura crítica do contexto econômico em que está inserido, a fim prepará-lo para tomar suas próprias decisões.

Além disso, a BNCC (Brasil, 2018) traz para o Ensino Médio a proposta dos itinerários formativos, os quais tratam de uma parte flexível do currículo escolar, ou seja, os alunos poderão escolher uma temática para se aprofundar durante os últimos anos da educação básica. Para isso, as escolas ofertarão, além dos componentes curriculares obrigatórios, disciplinas voltadas para a temática escolhida pelo aluno. Dessa forma, dentre os temas pelos quais os estudantes poderão optar, está a Educação Financeira. Sendo essa mais uma oportunidade de proporcionar aos jovens conhecimento frente a um assunto tão relevante ao contexto social e econômico brasileiro.

A partir desse cenário, com a finalidade de oportunizar aos alunos um ambiente que favoreça a aprendizagem da Educação Financeira e faça com que eles se engajem no estudo dessa temática, buscamos implementar nas aulas ferramentas que sejam do interesse dos estudantes e que possibilitem a realização de aulas dinâmicas, em que o aluno tem a possibilidade de tornar-se parte ativa na construção do conhecimento.

Nesse sentido, a utilização da tecnologia em sala de aula surge como uma opção para a criação desse ambiente dinâmico e interativo, pois, além de ser uma ferramenta de domínio dos alunos – uma vez que, atualmente eles estão rodeados por aparelhos eletrônicos – também abre uma gama de possibilidades de atividades a serem realizadas a partir dela.

Entretanto, ressaltamos que a utilização das Tecnologias Digitais na Educação Matemática é algo que está há anos em desenvolvimento, como afirmam Borba, Scucuglia e Gadanidis (2020), quando organizaram essa evolução em quatro fases, sendo a primeira iniciada ainda na década de 1980.

Porém, em suas fases iniciais as Tecnologias Digitais sofreram certa resistência por parte dos educadores quanto a sua implementação em sala de aula. Fato esse que não condiz com os dias atuais, pois alunos e professores estão diariamente cercados por ferramentas tecnológicas. Frente a isso, "nas escolas públicas e particulares o estudante deve poder usufruir de uma educação que no momento atual inclua, no mínimo, uma 'alfabetização tecnológica" (Borba; Penteado, 2019, p. 16). Ou seja, é dever das escolas pensar atividades que possibilitem aos alunos fazer uso dessas ferramentas e assim, ampliar seu domínio sobre as mesmas.

Além disso, como uma das consequências da pandemia do COVID-19, houve uma crescente necessidade da utilização das Tecnologias Digitais na educação, como afirmam Borba, Souto e Canedo Junior (2022) e com isso, ocorreu a criação da quinta fase das Tecnologias Digitais na Educação Matemática. Essa nova realidade instigou os educadores a repensarem a forma de ensinar e, assim, aumentar o planejamento de atividades que envolvessem ferramentas tecnológicas.

Dentro desse contexto, em que alunos e professores possuem fácil acesso aos mais variados tipos de informações e recursos tecnológicos que em grande proporção são caracterizados por sua multimodalidade, os vídeos são ferramentas que ganham destaque e visibilidade. Por volta de 2010, foi o momento em que a plataforma Youtube começou a ser conhecida e, segundo Borba, Souto e Canedo Junior (2022), facilitou o compartilhamento de vídeos e os inseriu nas aulas, por mais que sua produção ainda fosse limitada, devido aos equipamentos disponíveis na época.

Entretanto, com o avanço da tecnologia, em especial da internet e dos aparelhos eletrônicos, atualmente o Youtube tornou-se um acervo de vídeos, sendo possível encontrar uma diversidade enorme de criações referentes aos mais variados conteúdos. Além disso, as redes sociais também contribuem para a popularização dos recursos audiovisuais, já que a todo instante estão sendo produzidos e publicados novos conteúdos.

Assim, percebe-se que: "Os vídeos digitais se tornaram, no século XXI, um misto de oralidade, escrita, imagens, filmagens, animações, muitas vezes acompanhadas de música, de uma maneira que nos atrai, nos mobiliza" (Borba; Souto; Canedo Junior, 2022, p. 12). Tornando-se, dessa forma, além de uma forma de entretenimento, também uma ferramenta para a disseminação de conhecimento.

Nesse sentido, acredita-se que introduzir os vídeos nas aulas de Educação Financeira seja uma maneira de trabalhar a temática a partir de uma ferramenta com a qual os alunos possuem contato cotidianamente. Entretanto, isso pode ser feito de diferentes formas, por exemplo, apresentando vídeos já prontos como material didático ou a partir da gravação de aulas.

Assim, entende-se que a melhor maneira de aliar o estudo de Educação Financeira com os vídeos é por meio da produção deles por parte dos alunos, por ser uma alternativa para o engajamento destes com o conteúdo, isso porque, dessa forma,

A voz dos estudantes ganha destaque, uma vez que se tornam os autores - além de participarem, muitas vezes, como atores - dos vídeos digitais que produzem e com os quais comunicam temas matemáticos escolhidos por eles próprios, de acordo com seus interesses (Borba; Souto; Canedo Junior, 2022, p. 34).

Permitindo, desse modo, que os alunos apresentem sua visão sobre a temática em destaque e tragam elementos do seu cotidiano para enriquecer as discussões.

Aliado a esses apontamentos, compreende-se que ao propor aos alunos a produção de vídeos, abre-se caminho para que eles façam a escolha do tema que desejam explorar a partir das demandas que visualizam em seu contexto social, assim como apresentam essa temática baseados em sua compreensão e leitura de mundo. Desse modo, acredita-se que estão em conformidade com essa proposta as ideias de Paulo Freire (1996), pois o estudo partirá das demandas vindas do cotidiano dos estudantes.

Entretanto, para que isso seja possível é preciso oportunizar que o ambiente escolar seja aberto ao diálogo, onde professor e alunos sintam-se à vontade para compartilhar suas demandas, pois “sendo o diálogo uma relação eu-tu, é necessariamente uma relação de dois sujeitos. Toda vez que se converta o “tu” desta relação em mero objeto, se terá pervertido o diálogo e já não se estará educando, mas deformando” (Freire, 1967, p. 114). Nesse sentido, percebe-se que o diálogo é o elemento central no desenvolvimento de um trabalho, em que se busca a participação efetiva dos alunos.

Somente com esse ambiente aberto ao diálogo e, conseqüentemente, à escuta é que o educador conseguirá compreender as especificidades de cada

educando e poderá encontrar meios de trazê-las para a sala de aula de maneira problematizada, estruturando a construção dos novos conhecimentos e respeitando os saberes prévios dos educandos, pois:

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento (Freire, 1996, p. 63).

Assim, trabalhar com a Educação Financeira aliada às principais demandas encontradas pelos estudantes em sua realidade pessoal e de suas famílias aguça sua curiosidade frente ao que está sendo estudado e potencializa o seu processo de aprendizagem.

Dessa forma, considerando todos os apontamentos apresentados até então, o produto educacional que está em construção será um guia para professores, o qual contará com instruções detalhadas das atividades propostas para a realização do estudo de conceitos de Educação Financeira aliados à produção de vídeos curtos por parte dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, partindo das necessidades apresentadas por eles. Esses vídeos curtos terão duração máxima de três minutos apresentando as informações centrais do tema de maneira bem objetiva, com a finalidade de possibilitar a quem vai assistir um conhecimento de qualidade em pouco tempo.

Nesse guia, os educadores encontrarão, além da sequência de atividades que orientam todo o processo de planejamento, produção e avaliação dos vídeos, também dicas de materiais de apoio para possíveis imprevistos tecnológicos e sugestões de adaptações das atividades propostas. Dentro da sequência de atividades, estruturadas para possibilitar ao educador a compreensão do contexto dos alunos e a delimitação dos temas dos vídeos, incluem-se: a) Realização de entrevista dos alunos com suas famílias, buscando compreender melhor a situação financeira delas; b) Pesquisa sobre a condição financeira média dos brasileiros e um comparativo com os resultados das entrevistas; c) Discussão com a turma sobre as conclusões encontradas e reflexões sobre as temáticas envolvidas, associadas ao que se propõe, na BNCC e nos Itinerários Formativos para o Ensino Médio, para a temática da Educação Financeira.

Já para a etapa de organização do roteiro e gravação dos vídeos, os alunos estarão divididos em duplas e, em sala de aula, eles contarão com momentos



paralelos de dinâmicas, discussões e atividades envolvendo toda a turma com o objetivo de perceber diferentes visões sobre as temáticas que serão trabalhadas acerca da Educação Financeira e a percepção de caminhos de abordagem para a elaboração dos vídeos.

Frente ao exposto, reiteramos que a finalidade desse produto educacional é, por meio da produção de vídeos curtos sobre Educação Financeira por parte dos alunos, mostrar que em um ambiente formal de ensino é possível desenvolver atividades dinâmicas, que consideram o contexto social dos alunos e dão-lhes voz para interligar a teoria ao cotidiano.

### **Encaminhamentos metodológicos**

Para o desenvolvimento do estudo em questão, está sendo utilizada a Engenharia Didática como metodologia de pesquisa, a qual, segundo Artigue (1996), por seu caráter investigativo, é caracterizada principalmente por um esquema experimental, o qual é baseado nas realizações didáticas encontradas em sala de aula, ou seja, na construção, realização, observação e análise da sequência de ensino.

Para a realização dessa validação interna, a Engenharia Didática possui uma estruturação que orienta o trabalho do investigador. Tal estrutura é organizada em quatro fases: análises prévias, concepção e análise a priori, experimentação e análise a posteriori e validação. Tais etapas serão explicadas na sequência a partir das ideias de Artigue (1996).

Nesse contexto, contrariando a maioria das investigações realizadas em sala de aula que recorrem à experimentação, ao utilizar a Engenharia Didática, o processo de validação é realizado de maneira essencialmente interna, fazendo um confronto entre a análise a priori e a análise a posteriori, do qual surgirão os resultados da pesquisa (Artigue, 1996).

A primeira etapa, concebida como análise a priori, trata-se de um levantamento geral realizado sobre o tema a ser investigado, em que ocorre a identificação dos problemas de ensino e aprendizagem do referido objeto de estudo. Que ao ser aplicada ao produto educacional em questão nesse artigo, trata-se da pesquisa realizada sobre a situação da população brasileira frente as finanças, bem

como, as observações de turmas de ensino médio de uma escola estadual durante o desenvolvimento das aulas da disciplina de Matemática Financeira.

Já na segunda fase, denominada análise a priori, realiza-se a determinação de quais variáveis do sistema não fixadas o pesquisador vai agir sobre, as quais são denominadas variáveis de comando e que se supõem serem variáveis pertinentes ao problema de estudo. Nessa fase, será feito o levantamento de algumas hipóteses referentes aos conhecimentos prévios dos estudantes frente à Educação Financeira.

Na terceira fase, a de experimentação, é o momento de pôr em prática todo o estudo realizado até então. Logo, nesse momento será feita a aplicação da sequência didática estruturada para desenvolver as temáticas de Educação Financeira por meio da produção de vídeos curtos pelos alunos.

Essa fase é seguida pela análise a posteriori, sendo essa baseada no conjunto de dados recolhidos na fase de experimentação, os quais contemplam as observações realizadas sobre as sessões de ensino, bem como das produções realizadas pelos alunos dentro e fora da sala de aula. Ou seja, nesse momento, serão analisados os materiais provenientes da aplicação da sequência de aulas sobre Educação Financeira e realizada a procura por evidências que comprovem ou refutem os objetivos estruturados inicialmente para esse trabalho.

Além disso, utilizaremos como instrumentos de coleta de dados durante o percurso de desenvolvimento da sequência didática o diário de bordo da professora, assim como um mural colaborativo construído pelos alunos constituído de comentários feitos sempre ao final das aulas e, também, os vídeos produzidos pelos estudantes.

Por fim, por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo, em que o pesquisador está diretamente inserido no ambiente de investigação, como afirmam Bogdan e Biklen (1994), para auxiliar na análise e validação dos dados seguiremos as ideias de Bardin (1977), que define a Análise de Conteúdo como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

Ainda segundo a autora, na Análise de Conteúdo os dados a serem analisados podem ser provenientes de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal. Além de considerar importante tanto as condições de quem produziu a mensagem, quanto de quem recebeu os efeitos produzidos por ela.

## **Discussões**

Após a realização de alguns levantamentos sobre a situação financeira da população brasileira, bem como a observação, em sala de aula, da relação dos jovens com as finanças, ficou notório o abismo existente entre a realidade esperada e a vivenciada em nossa sociedade.

Indo além, percebemos que muitas são as iniciativas de diferentes órgãos que buscam disseminar a teoria frente à Educação Financeira, porém, na prática, os impactos causados por essas iniciativas no contexto social são muito pequenos.

A população brasileira, em geral, possui pouca consciência frente à administração do seu dinheiro e aos processos financeiros com os quais possuem contato em seu cotidiano, por exemplo, percebemos que,

o comprometimento do orçamento das famílias com as dívidas tem aumentado, sobretudo, em função da falsa percepção sobre as vantagens do parcelamento das compras. Muitos consumidores não percebem os altos juros que estão embutidos nas prestações (Ribeiro; Lara, 2016, p. 25).

Dessa forma, considerando essas e outras situações constatadas no cotidiano dos brasileiros, fica evidente a falta de conhecimento da população em relação à Educação Financeira.

Em conformidade com essa necessidade é que o referido produto educacional está sendo estruturado, buscando encontrar uma maneira dinâmica de envolver os jovens e despertar seu interesse pela Educação Financeira, para que assim eles percebam sua aplicação nas relações comerciais cotidianas e possam construir sua vida financeira de forma saudável.

## **Considerações finais**

Frente aos apontamentos apresentados neste artigo, com destaque à eminente necessidade de engajar a população brasileira quanto à tomada de decisões corretas sobre as finanças – além da inserção da Educação Financeira como um tema indissociável do currículo das escolas brasileiras após a implementação da BNCC –, esperamos que seja possível, com a aplicação desse produto educacional, a verificação de outros caminhos para o ensino da referida temática nas instituições de ensino brasileiras.

Pretendemos mostrar aos educadores que é possível trabalhar com a Educação Financeira de modo a considerar o contexto social em que a escola e os seus estudantes estão inseridos, partindo de demandas da comunidade para a estruturação de aulas que façam sentido aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A partir disso, buscamos consolidar, ao se tratar de Educação Financeira, que é possível o desenvolvimento de um trabalho que una a teoria à prática e, além disso, que possa impactar de forma positiva não somente os alunos, como também suas famílias.

Além disso, pretendemos mostrar que a utilização da tecnologia por meio da produção de vídeos pelos próprios alunos vem para enriquecer esse processo de aprendizagem, por se tratar de uma ferramenta que desperta o interesse dos alunos e com a qual eles possuem contato diário. Por esse motivo também é que a proposta considera apenas a produção de vídeos denominados curtos, por ser o modelo de material audiovisual presente nas diversas redes sociais.

Sendo assim, todos os elementos do produto educacional estão sendo pensados para proporcionar aos estudantes um ambiente de aprendizagem dinâmico e confortável, no sentido de que eles se sintam seguros para expressar suas demandas e opiniões, enriquecendo assim as aulas e a aprendizagem.

Com essas considerações, reforçamos que esperamos que o referido produto educacional traga contribuições relevantes para o ensino de Educação Financeira e cumpra seu objetivo de disseminar de maneira objetiva e aplicável os conceitos da referida temática. Possibilitando a outros educadores um material de qualidade e de fácil adaptação para suas aulas.

## Referências

- ARTIGUE, Michelè. Engenharia Didática. *In*: BRUN, Jean. **Didáctica das Matemáticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 193-217.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Kinopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORBA, Marcelo de Carvalho; PENTEADO, Miriam Godoy. **Informática e Educação Matemática**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BORBA, Marcelo de Carvalho; SCUCUGLIA, Ricardo; GADANIDIS, George. **Fases das Tecnologias Digitais em Educação Matemática: sala de aula e internet em movimento**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BORBA, Marcelo de Carvalho; SOUTO, Daise Lago Pereira; CANEDO JUNIOR, Neil da Rocha. **Vídeos na Educação Matemática: Paulo Freire e a quinta fase das tecnologias digitais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- BRASIL. Decreto nº 10.393, de 09 de junho de 2020. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jun. 2020.
- BRASIL. Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 dez. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) – Perfil do endividamento anual 2023**. Brasília, 11 de jan. 2024. Disponível em: [https://portaldocomercio.org.br/publicacoes\\_posts/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-perfil-do-endividamento-anual-2023/](https://portaldocomercio.org.br/publicacoes_posts/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-perfil-do-endividamento-anual-2023/). Acesso em: 1 jun. 2024.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da igualdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KISTEMANN, Marco Aurélio; COUTINHO, Cileda de Queiroz e Silva; FIGUEIREDO, Aurilucide Carvalho. Cenários e desafios da Educação Financeira com a Base Curricular Comum Nacional (BNCC): Professor, Livro Didático e Formação. **Em Teia**, Recife, v. 11, n. 1 p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/emteia/article/view/243981/pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

RIBEIRO, Rodrigo Fernandes; LARA, Ricardo. O endividamento da classe trabalhadora no Brasil e o capitalismo manipulatório. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 126, p. 340-359, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/By5gtMcMPFJ5V4qf5qKQrFw/?lang=pt#>. Acesso em: 12 abr. 2024.

TEIXEIRA, Wesley Carminati; KISTEMANN, Marco Aurélio. Uma investigação sobre a inserção da Educação Financeira em um Curso de Serviço de Matemática Financeira para graduandos de um curso de Administração. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 223-249, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/27828/pdf>. Acesso em: 1 jun. 2024.